OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18. n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO — VOLUME VII — N.º 189

21 DE MARÇO 1884

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

THEATRO DO PRINCIPE REAL, EM LISBOA

126

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegamos tarde para falar do beneficio dos Albergues Nocturnos, vale-nos porém o ter sido essa festa tão excepcionalmente brilhante, que apesar de passados sobre ella muitos dias, está ainda viva na memoria de todos, que a presenciaram.

Ha muito tempo que em Lisboa não se faz festa tão ruidosa, tão notavel e comprehende-se perfeitamente isso desde que tomou a iniciativa d'ella um rei, que não é apenas o primeiro cidadão do seu paiz pelo lugar eminente que occupa no estado, que o é tambem pelas altissimas qualidades do seu espirito e do seu coração, pela sua elevada intelligencia, pela sua sabida illustração, pela sympathia e respeito profundo que todo o paiz lhe consagra.

El-rei D. Luiz, o fundador e iniciador benemerito d'essa instituição caridosa e humanitaria que se chama Albergues Nocturnos, tem posto ao serviço d'ella todo o prestigio do seu nome e todo o zelo da sua boa vontade, e por isso a instituição apenas nascente tem feito uns progressos rapidos, tem tido uma prosperidade excepcional, prosperidade que se estende como um manto benefico sobre as miserias de Lisboa, que protege e que minora.

N'esta santa obra de caridade el-rei escolheu para o coadjuvar um grupo de homens activos e zelosos, que tem cooperado bizarramente com o augusto chefe do estado para o bom exito da instituição por elle fundada.

O concerto de S. Carlos metteu nos cofres dos Albergues Nocturnos uma porção de contos de réis, uma receita enorme que nunca espectaculo algum em Lisboa attingira até agora, e ao mesmo tempo que foi uma obra de caridade excepcional, foi uma excepcional festa artistica e mundana.

O aspecto da grande sala de espectaculo de S. Carlos n'essa noite era realmente encantador.

O theatro exteriormente illuminado, como nas grandes noites de festa, estava por dentro todo enfeitado com flôres e luzes.

Tres ordens de candelabros augmentavam a illuminação da sala; o palco armado em amphitheatro, estava engrinaldado de flôres, e os camarotes enfeitados todos com formosos *bouquets* tinham um ar festivo e alegre.

A grande platéa de S. Carlos era ainda augmentada pelo espaço que a orchestra, transportada para o palco, deixára vago. E apesar de serem elevados os preços das cadeiras e da geral, a platéa estava litteralmente cheia de senhoras em toilette de *soirée*, e de homens vestindo todos rigorosa *toilette* de gala.

Nos camarotes, vendidos em leilão quinze dias antes no salão da Trindade, leilão em que alguns chegaram a preços elevadissimos, pois um camarote de 1.ª ordem foi arrematado por 230$000 réis, e houve frizas que subiram a mais de 100$000 réis, estava tudo o que em Lisboa ha de mais notavel no mundo da finança, no mundo da politica, na *sociedade elegante*, na primeira sociedade em summa.

O programma da festa era extensissimo e delineado com supremo bom gosto artistico.

N'esse programma havia tres elementos distinctos: a parte litteraria, a parte instrumental e a vocal.

A parte litteraria constou de tres poesias recitadas por tres dos nossos mais notaveis artistas, Brazão, João Rosa e Taborda.

Brazão recitou esplendidamente uma poesia do sr. Thomaz Ribeiro, allusiva á festa, e feita n'aquelles largos moldes de poesia theatral do poeta das *Novas Conquistas*.

João Rosa disse, com a suprema distincção que o distingue, uma formosa poesia de Fernando Caldeira, uma poesia exclusivamente litteraria, *tournée* com aquelle esmero, delicadeza e graciosidade que colloca entre os mais elegantes dos nossos poetas, Fernando Caldeira, o gracioso auctor das *Nadadoras* e da *Mantilha de Renda*.

Taborda, o nosso primeiro actor comico, o nosso grande actor realista, trouxe a essa festa a nota alegre, a nota hilariante, cantando, recitando e representando com o bom humor jovial e a bonhomia comica e singela que só elle tem, uma engraçada scena comica de Eduardo Garrido, escripta a correr para esta noite de festa, tendo por assumpto os *Albergues Nocturnos* e como elemento comico o tracadilho, o *calembourg*, que o auctor da *Pera de Satanaz* maneja como ninguem.

Na parte instrumental distinguiram-se em solos e em quintettos, Nicolau Ribas, Cyriaco Cardoso, Moreira de Sá, Marques Pinto e Alfredo Napoleão, e na parte orchestral, todos os professores que compõem a orchestra de S. Carlos que executaram primorosamente o preludio do *Lohengrin*, o entreacto da *Mignon*, dirigidos pelos maestros Dalmau e Pontecchi.

Na parte vocal tomaram parte os mais illustres cantores da actual companhia lyrica, as sr.as Borghi-Mamo, Donadio, Ritter e Pozzoni e os srs. Devoyod, Rapp, e Ortisi.

Todos elles tiveram grandes applausos e se houveram brilhantemente; mas apesar de n'estas noites de festas de caridade se não dever fazer excepções, o successo de Borghi-Mamo na romanza italiana *Dopo* e de Devoyod na aria do *Chalet* foi tão extraordinario, tão ruidoso, que não podemos deixar de o registar aqui.

A noite estava medonha, a noite mais terrivel de temporal, que ha muito tempo ha em Lisboa, e parece ter sido feita de molde para que todos que sahiam do theatro, a altas horas, confortavelmente agasalhados nos seus *coupés*, emquanto cá fóra o vento furioso açoitava vigorosamente a chuva que cahia em grossas, persistentes, torrenciaes bategas d'aguas, comprehendessem a necessidade dos Albergues Nocturnos para aquelles que não tem casa nem agasalho.

Aquella tempestuosa noite parecia tambem fazer parte do programma.

Acabamos de assistir agora ao ensaio geral da comedia em 3 actos, original de Moura Cabral, *Scenas Burguezas*, que ás horas em que esta chronica fôr lida terá já passado pelas provas publicas no theatro do Gymnasio.

Por tudo que se pode vêr d'uma peça n'um ensaio geral, afigura-se-nos que a comedia de Moura Cabral será um *successo* para elle e para o Gymnasio.

Está escripta com aquella graça expontanea, com aquella *verve* abundante, de que Moura Cabral tem já dado provas exhuberantes nas chronicas do *Diario da Manhã* e do *Diario de Portugal*, assignadas com o pseudonymo de *Rigoletto*, tem scenas de um comico irresistivel, está dialogada com um grande brilho de linguagem, conduzida com arte, tem situações de grande effeito, scenas excellentes, sobre tudo as do final do segundo acto, que é magnifico.

As *Scenas burguezas* foram escriptas para o beneficio do actor Valle, um dos nossos artistas de mais talento, um comico por excellencia, e que na peça tem um papel que desempenha com uma *verve* magistral.

Cremos piamente que o publico fará á comedia um *successo*, e folgaremos sinceramente com elle, pela litteratura theatral portugueza, e por Moura Cabral, que é um dos nossos melhores amigos, mais estimados e estimaveis confrades.

Houve novos tumultos no Limoeiro. Agora foi quasi uma revolução, até se chegaram a fazer barricadas.

O juiz de uma das prisões — um cargo com que de ha muito se devia ter acabado — disparou tiros de revolver e um preso fez desturbios do demonio, uma verdadeira bernarda.

Não nos demoraremos em commentarios. O que tudo isto prova é que a nossa cadeia não precisa só de um director energico como o tem agora, precisa de uma reforma radical, que é urgentissimo fazer-se e que acabe de uma vez para sempre com estes tumultos e com esta anarchia.

Temos em cima da nossa banca uma porção de livros notaveis, cujo favor do offerecimento agradecemos.

Um d'elles é um bello livro, que é ao mesmo tempo um livro excellente, e que nos vem do Porto, da *Livraria Moderna* dos srs. Alcino Aranha & C.ª

Chama-se a *Educação intellectual, moral e physica*, do celebre Herbert Spencer, traduzido do inglez pelo nosso illustre collega portuense o sr. Emygdio de Oliveira, e prefaciado pelo distincto lente da escola medica do Porto, o sr. Ricardo de Almeida Jorge.

O nome de Spencer vale por todos os encarecimentos que fizessemos da obra tão util, que todos os estudiosos conhecem de certo como um evangelho, e cuja belleza e fidelidade da traducção nos são garantidas pelo talento brilhante de Emygdio d'Oliveira.

Os outros são: umas conferencias feitas no Brazil pelo illustre escriptor brazileiro, o sr. Pereira da Silva, ácerca da nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil, e editado em Paris pela casa Guillard e Aillaud; — a *Viagem ao Amazonas*, do sr. Sanches de Frias, uma bella edição illustrada, e um volume de versos do sr. Oliveira Tavares Junior, *Pétalas*.

De todos elles falaremos proximamente, logo que os assumptos da *chronica* nos deixem um bocado de espaço.

Appareceu em Lisboa o primeiro numero d'um jornal elegantissimo, que pela sua belleza e pela modicidade de preço rivalisa com as melhores publicações do mesmo genero dos grandes centros musicaes da Europa e da America, a *Gazeta musical*, de que é proprietaria a sr.ª Amann, e director litterario o sr. Hygino.

A *Gazeta musical* publica em cada numero 24 paginas de musica explendidamente impressa, quatro paginas de texto com critica theatral e artistica, um retrato grande em gravura, e tudo pelo preço de 250 réis para os assignantes.

A edição do jornal é uma verdadeira edição de luxo, com capas a prata e a côres, um bonito jornal para uma sala elegante, e um excellente repertorio de musicas para pianistas.

E Lisboa póde dizer agora que tem dois jornaes de musica de primeira ordem, e como não ha melhor lá fóra — a *Gazeta musical*, e o *Euterpe*, que vae já no seu 21.º numero com um successo sempre crescente e sempre merecido.

Gervasio Lobato.

Theatro do Principe Real

Nas lojas do penultimo predio que á sua direita encontrava, antes de chegar á Carreirinha do Soccorro, quem, vindo do lado do Rocio, seguia pela rua Nova da Palma, esteve durante o carnaval de 1864, estabelecido o denominado *Salão Vauxhall* e n'elle foram dados alguns bailes de mascaras. Aproveitando-se o mesmo local para sala de entrada e botequim, e tomando-se todo o predio da esquina d'aquellas duas ruas, construiu-se nos fins do mesmo anno um salão para concertos, o qual veio a inaugurar-se em dezembro de 1864 com o nome de *Salão Meyerbeer*, sendo a festa musical dirigida pelo sr. Arthur Reinhardt.

Foram, porém, escassos os lucros obtidos com este estabelecimento, e por isso o sr. Francisco Vianna Ruas, seu emprezario, resolveu tranformal o em theatro. Tendo as obras começado em julho do anno immediato, inaugurou-se, no dia 28 do mez de setembro seguinte, o denominado theatro do Principe Real, com a comedia em 3 actos, *Dois pobres a uma porta*, imitada pelos srs. Rangel de Lima e Aristides Abranches, a comedia em 1 acto, *Mu to padece quem ama*, dos mesmos escriptores, e a poesia *Saudação*, composta pelo sr. José da Silva Mendes Leal, e recitada pelo actor Cesar de Lima, que era emprezario juntamente com o sr. Ruas.

Funccionou esta empreza durante dois annos. Ao fim do primeiro, foi a sala reformada, tornando-se tal como era antes da grande obra de restauração realisada ha mezes, e de que abaixo fallaremos.

Na primeira epoca d'esta empreza, distinguiu-se principalmente entre os artistas da companhia, a actriz Margarida Clementina, irmã de Anna Pereira, e não menos talentosa do que esta. Depois de alcancar grandes applausos na *Condessa de Villar* e em outros dramas, retirou-se do theatro para casar, e falleceu algum tempo depois.

No fim da mesma epoca, estreiou-se Virginia Dias da Silva, que é hoje a nossa primeira actriz dramatica.

Na epoca immediata encetou tambem no Principe Real a sua carreira scenica, outro artista que hoje occupa logar proeminente na scena portugueza. Referimo-nos a Eduardo Brazão. A sua primeira escriptura arbitrava-lhe 3$000 réis de ordenado mensal.

Além dos actores já mencionados e de outros, cujos nomes nos não occorrem agora, fizeram durante aquelle periodo, parte da companhia do theatro, os seguintes: Julio Soller, que é na actualidade o artista predilecto das platéas portuenses, Gama, Soares Franco, Margarida Lopes, Emilia Eduarda, Maria Joanna e Bayard.

Deu maior receita na segunda epoca, a comedia phantastica *A lampada maravilhosa*, imitada do francez pelo sr. Joaquim Augusto de Oliveira.

Seguiu-se á primeira empreza a dos srs. Antonio Gonçalves Pinto Bastos e José Carlos dos Santos, que inaugurou os seus espectaculos a 26 de outubro de 1865 com o drama de Dion Boucicault, *João o Carteiro*, cujos papeis principaes foram admiravelmente desempenhados pelo grande actor Santos e por Virginia.

A 28 de fevereiro de 1868 representou-se pela primeira vez a *Grã Duqueza de Gerolstein*. Esta peça, de Halevy e Meilhac, ornada de musica de Offenbach, determinou com o seu enorme exito a introducção da opereta nos theatros portuguezes, circumstancia esta com que não podemos

folgar immensamente. Para o bom resultado concorreram, conjuntamente com a graça do libreto e a originalidade, desenvoltura e viveza da musica do auctor da *Bella Helena*, a excellente traducção de Eduardo Garrido, e o magnifico *ensemble* do desempenho. Faria fez do personagem *general Boum* uma admiravel e engraçadissima caricatura. Emilia Letroublon ostentou, a par de toda a delicadeza, a malicia e estouvamento da formosa duqueza allemã. Carlos de Almeida no *principe Cornelio Gil*, Pereira no *barão Tuck*, Antonio Pedro no *barão Grog*, e Luiza Fialho na camponeza *Wanda*, completaram o esplendido conjunto. O unico papel um tanto sacrificado foi o de *Fritz*, que teve de ser entregue a um actor principiante, cuja larynge soffreu, e fez soffrer á musica de Jacques Offenbach torturas infernaes.

Em novembro de 1868 começaram, com exito enorme, as representações de Ernesto Rossi no theatro do Principe Real. A empreza, que tivera a feliz ideia de contractar o artista italiano, e que foi sempre arrojada nos seus commettimentos, tirou excellente resultado do negocio.

As ovações foram enthusiasticas. Lisboa inteira acudiu ao theatro do Principe Real a festejar Ernesto Rossi no *Hamlet*, *Romeu e Julietta*, e n'um grande numero de tragedias, dramas e comedias. Actores portuguezes que o viam representar declaravam, alto e bom som, que mal se atreveriam d'ali em diante a pisar as taboas de um palco.

No mez seguinte desligou-se o activo e intelligente emprezario Pinto Bastos do actor Santos, que fez sociedade com o sr. José Joaquim Pinto, e dirigiu até junho de 1870 o theatro, passando depois para o de D. Maria.

Durante as emprezas em que Santos teve parte, o theatro do Principe Real foi geralmente frequentado por um publico selecto, em razão do excellente repertorio e do primoroso desempenho que alcançaram muitas obras, entre as quaes merece especial menção a comedia *Os solteirões*, de Victorien Sardou, traduzida pelo sr. Latino Coelho.

Em redor de Santos agrupou-se uma pleiade de homens intelligentes, que, graças ás lições do mestre e ao proprio estudo, se fizeram rapidamente artistas. Se um ou outro tomava a lição com tanto enthusiasmo, que reproduzia por vezes em scena a gesticulação e a declamação do primoroso ensaiador, eram estes senões quasi insignificantes, em comparação dos progressos que evidenciava a maior parte da companhia.

Os discipulos de Santos, que n'este theatro mais se distinguiram, foram Antonio Pedro, Virginia, Magiolly e Alvaro. Este ultimo estreiou-se no Principe Real, e fez desde o começo primeiros papeis.

Na epocha de 1870 a 1871, não estando já na companhia a maior parte dos actores a que nos temos referido, tomou o theatro feição mais popular, e foram outra vez seus emprezarios os srs. Ruas e Cesar de Lima, que montaram luxuosamente a magica *Pelle de burro*, dos srs. Eduardo Garrido e J. Augusto d'Oliveira, obtendo, porém, escassos lucros com ella.

Poucos theatros de Lisboa deixaram, n'esta quadra, de pôr em scena peças allusivas á guerra franco-prussiana, que estava então acceza. No do Principe Real dava enchentes o drama militar *O cerco de Paris*, quando por intimação da auctoridade lhe foi alterado o titulo, o que diminuiu logo o exito.

Chamado Pinto Bastos novamente para director, nos fins de 1870, conservou-se desempenhando este cargo até 1877, salvo n'uma epoca em que foi emprezario Baptista Machado com outro cavalheiro. O repertorio constou de dramas de grandes lances, operetas, peças patrioticas, magicas, etc.

Eram inexgotaveis os recursos da imaginação do sympathico emprezario. Uma vez, por exemplo, estava em serios apuros, porque era necessario pagar os ordenados á companhia e não havia um ceitil em cofre. A *Grã-Duqueza* estivera em scena até alguns dias antes, mas já não chamava concorrencia.

— Estou salvo! bradou elle subitamente. Vou dar a *Grã Duqueza* no Price.

— Ora! Não vae lá ninguem! objectaram-lhe.

— Vae toda a gente! Annuncio que a *Grã Duqueza* passará revista a cavallo ás suas tropas, respondeu triumphante Pinto Bastos.

E com effeito a opereta de Offenbach, já vista e revista, attrahiu enchente enorme ao antigo circo. O peior foi que a actriz encarregada do papel principal pôz os pés á parede, e não quiz montar a cavallo.

Outra vez, os apuros eram tambem de respeito. Corre de repente a noticia de que os carlistas tinham perdido a capital da Biscaya.

— Vamos dar no Price o *Cerco de Bilbau!* grita Pinto Bastos. No segundo acto haverá a entrada triumphal das tropas liberaes.

— Mas quem tem essa peça? perguntou-lhe o ensaiador.

— Ninguem. Vae escrever-se.

No dia immediato ou dois dias depois, grandes cartazes, magnificamente pintados por Procopio, Lambertini e Machado, eram affixados em tres pontos de Lisboa, e attrahiam constantemente uma chusma de curiosos boquiabertos. Na rua do Arsenal teve a policia de mandar retirar o cartaz, tal era a multidão que ali se apinhava. Excusado será dizer que o Price teve uma enchente espantosa n'aquella noite.

Pinto Bastos, em quanto emprezario, nunca sahia do seu escriptorio do theatro, senão depois da uma hora da noite. Estava alli sempre, imaginando planos a fim de chamar a concorrencia, recebendo amigavelmente todas as pessoas que o procuravam, e attendendo os pedidos dos seus escripturados, dos quaes poucos ha que lhe não devam obrigações.

N'uma noite de janeiro de 1875, já o emprezario se dispunha a retirar-se para sua casa, quando viu entrar pelo escriptorio dentro a figura roliça de Cavara, actor italiano que estivera em Lisboa com Rossi, e que então voltava do Rio de Janeiro com Celestina de Paladini.

Andara n'aquelle dia batendo á porta de todos os emprezarios, mas nenhum quizera contractar a companhia dramatica a que os dois artistas pertenciam. Pinto Bastos fez logo o ajuste.

Na terceira representação, interpretou Paladini a *Dama das Camelias* e alcançou um triumpho extraordinario. D'alli em deante foram tantas as ovações como as recitas. A despedida da actriz, fez-se no meio de enthusiasmo inexcedivel. Os jornalistas portuguezes, tendo á sua frente Teixeira de Vasconcellos, offereceram-lhe uma coroa lindissima.

Note-se que as circumstancias da companhia ao desembarcar em Lisboa eram percarias. Parte do seu guarda-roupa ficára empenhado, ao que parece, no Rio de Janeiro. Paladini, confessou-o ella mesma depois, tinha apenas, ao entrar em a nossa capital, uma libra na algibeira.

Foi tambem durante a direcção de Pinto Bastos que estiveram no theatro do Principe Real as actrizes Marguerite Preciosi e Marie Denis, com uma companhia de opereta. Todos se lembram ainda de como se tornou moda, na epocha theatral de 1876 a 1877, o ir applaudir a graça desenvolta de Preciosi, cujo merito nos papeis de opereta era innegavel, e a formosa voz e os encantos de Marie Denis. Os artistas francezes deram não menos de 150 recitas.

(Conclue.) *Maximiliano de Azevedo.*

A ACTRIZ ESTHER DE CARVALHO

Creatura excepcional em tudo, nas modas, no pensar, nos amores, nos triumphos que obteve, na nomeada que criou, na morte que a derruiu!

Não foi como tantas outras uma revoltada contra a austeridade da familia e contra as conveniencias sociaes; foi simplesmente uma estouvada! uma bohemia!

As temporadas dos banhos do mar na Figueira — a sua terra — eram como que lufadas da vida bulicosa das cidades, que lhe estonteavam a cabeça exaltada. Depois, seguia-se o inverno, com os seus dias nebulosos e de aguaceiros, os salões da assembléa desertos, sem luzes, sem musica, sem valsas e pelas ruas sombrias caminhando preoccupados os pescadores e os guardas da alfandega! Da praia, via a um lado o theatro fechado, como um casebre inutil, e no outro, lá em baixo, — na foz — deparava então com o oceano agitado, cujas ondas se espalmavam de encontro ás muralhas do forte, ruidosas como tiros de artilheria e despedindo para o ar jactos violentos de aguas espumosas...

E a mãe e a avó vigilantes, em volta d'ella; esta a falar-lhe em doutrina do cathecismo, aquella, na lição de francez!

— Ah! que demonio!... Precisava de acabar com tudo aquillo! Uf!... Que vida!...

Por tanto, um bello dia *desarvorou* e veiu por ahi fóra, á tuna, em procura da arte e da bohemia, esse mundo ruidoso, em que ha applausos, champagne, beijos ardentes, ceias e *couplets* picantes e que, em nada se parece, com a vida tranquilla e burgueza do lar.

Não voou do ninho paterno, de braço dado com o namorado gentil n'uma noite de luar, até uma pobre guarida, para d'alli em diante, felizes! — viverem de amor e de pão com manteiga!

Qual historia!

Desassombradamente um bello dia, entrouxou alguma roupa, calçou os seus pés delicados n'uns sapatos grossos e de trouxa á cabeça e airosa como as padeiras de Avintes, desembaraçada e sem preconceitos, puchou pelo trinco da porta e bradou á familia assombrada:

— Adeusinho! Desconfio que tenho algum talento e uma voz afinada... estou rica e independente!... Haja saude! Não estou para os aturar!

E partiu, senhora de si, pela estrada fóra, cantando alegremente em pleno sol, como um canario que se liberta da gaiola.

No alto de *Maiorca* virou-se para as bandas da sua terra e fez-lhe um *pied de nez*. Mais adiante, em Coimbra, nos braços de um estudante — o primeiro adventicio — não atirou com a sua touca para traz dos moinhos, mas pespegou-a para além dos choupaes que ladeam o Mondego e onde as ráas nas noites de estio grasnam, monotonamente, até deshoras.

Todavia a viagem até á capital correu rapida e pittoresca.

De resto, tomou folego n'um gabinete reservado do Silva do Restaurant, em companhia de alguns bonifrates, e descançou de vez no palco da Trindade, em conversa amigavel com Francisco Palha, a quem mais tarde — como emprezario — poz as uvas em piza!

Eis, a nova actriz Esther de Carvalho, dois mezes depois d'estreiar-se ao lado do Ribeiro e do Augusto, a 31 de março de 1878, na operetta *O cão do Malaquias*.

Cantou e venceu!

O publico acceitou-a e cobriu-a de applausos e d'ahi por diante os triumphos contaram-se-lhe pelos papeis que desempenhou.

As primeiras representações da *Filha do Inferno*, *Dragões d'El-Rei*, *Ultimo figurino*, *Perichole* e *Dragões de Villar*, a ultima opera que cantou em Lisboa, foram noites de gloria para a notavel e gentil artista.

Mas, a estima do publico, a consideração correspondente á sua crescente importancia artistica, nada d'isso a tolheu de seguir á redea solta a sua vida desenfreada.

Nunca pertenceu ao numero d'essas actrizes pacatas e sisudas, que nas horas vagas do convivio das musas, dão a roupa ao rol da lavadeira ou fazem colchas de crochet para os leitos.

Isso sim!...

Apenas acabava o ensaio, logo que sahia do espectaculo, mettia-se na primeira tipoia de praça, e bate: ... para o Dáfundo... para Carriche... para Cintra!...

Pobre rapariga! Infeliz cabeça de vento!

Sem tino para dirigir os seus negocios e rodeada de difficuldades monetarias, a ferro e fogo com a empreza da Trindade, e sequiosa... de mais e de muito mais... partiu para o Brazil na companhia de Ribeiro em julho de 1882.

Ambos já lá estão, no mesmo cemiterio, proximos ainda um do outro, e — quem sabe?... — talvez satisfeitos agora pela tranquillidade da sepultura, elles, que em vida se amaram como vadios bulhentos e... dedicados.

Quando a fortuna lhes sorria, e que contavam enriquecer, morreu inesperadamente Ribeiro. Ella pranteou-o e se não cortou as formosas tranças... pelo menos esmoreceu! Teve ainda um impeto do seu temperamento buliçoso, quiz reagir contra o coração, fez-se emprezaria, lançou-se infrene nas patuscadas, nas ceias, mas em vez de conseguir o esquecimento, precipitou o desenvolvimento da doença terrivel, a tisica, que a consumiu!

Afinal, a actriz Esther de Carvalho, essa estouvada e leviana rapariga que encheu Lisboa e o Rio de Janeiro com o echo das suas aventuras e estroinices, essa artista tão querida, rodeada pela sympathia das multidões, conscia do proximo fim, assignou tranquilla o seu testamento, em que legava as joias — toda a sua fortuna — á familia, de que fugira, repartindo-as pelos paes, que martyrisára, e pela avó, que abandonou!

E então um dia, já bem disposta com o mundo e com Deus, confessada como qualquer burgueza boa christã, sentindo que a vida se lhe esvaia, pediu que a aproximassem da janella banhada pelo sol, e ahi, encarando a natureza uberrima e florescente da xacara, suspirou um adeus á folia e ao amor e deixou pender melancolicamente a cabeça adormecida pelo imperturbavel e feliz somno da morte.

Pobre rapariga!

A. Mello.

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

(Continuado do n.º 187)

A estação de Arêgos, que se encontra logo adiante do viaducto do Laranjal, é de 3.ª classe e acha-se situada á esquerda, no centro do concelho de Baião.

A povoação das Caldas de Arêgos, assente sobre dois outeiros na margem esquerda, parece de longe emergir do leito do rio, formando uma graciosa pinha de casas.

A rainha D. Mafalda instituiu, no seculo XII, n'esta povoação, um hospital ou albergaria para lazaros e *gafos*, mandando ao mesmo tempo construir um tanque para banhos. É tambem obra sua a capella de Santa Maria Magdalena que alli se vê.

As caldas são sulphurosas, e proximo á nascente a sua temperatura é de 60º centigrados. Segundo a analyse a que se procedeu d'estas aguas, conteem ellas 0º,00235 sulphydrico, por kilogramma, dando por evaporação 0º,290 de residuo fixo, formado de silica, de sulphatos e de chloruretos alcalinos, de carbonatos de cal e de magnesia, e de uma pequena quantidade de ferro e de alumina.

São numerosas as nascentes, muitas das quaes se acham por aproveitar, podendo-se considerar talvez como uma das mais importantes a que desagua no rio das Caldas e que fornece 65:000 litros em cada 24 horas.

A temperatura da agua do tanque da Albergaria é de 57º e a da nascente contigua, de 56º.

Estas caldas em consequencia da proximidade das de Moledo, e da falta de boas commodidades, são apenas frequentadas pelos povos dos arredores.

A actriz Esther de Carvalho, fallecida em 15 de janeiro de 1884

A estação da Ermida, ou de Rezende, como primeiro se denominou, tambem de 3.ª classe, fica á esquerda e possue um reservatorio para alimentação das machinas.

Logo adiante fica o apeadeiro de Porto de Rei, succedendo-se até á estacão de Barqueiros as seguintes obras de arte:

Tunnel de Riboura, de 120m,35 de extensão, todo revestido e cujo custo foi de 20:208$070.

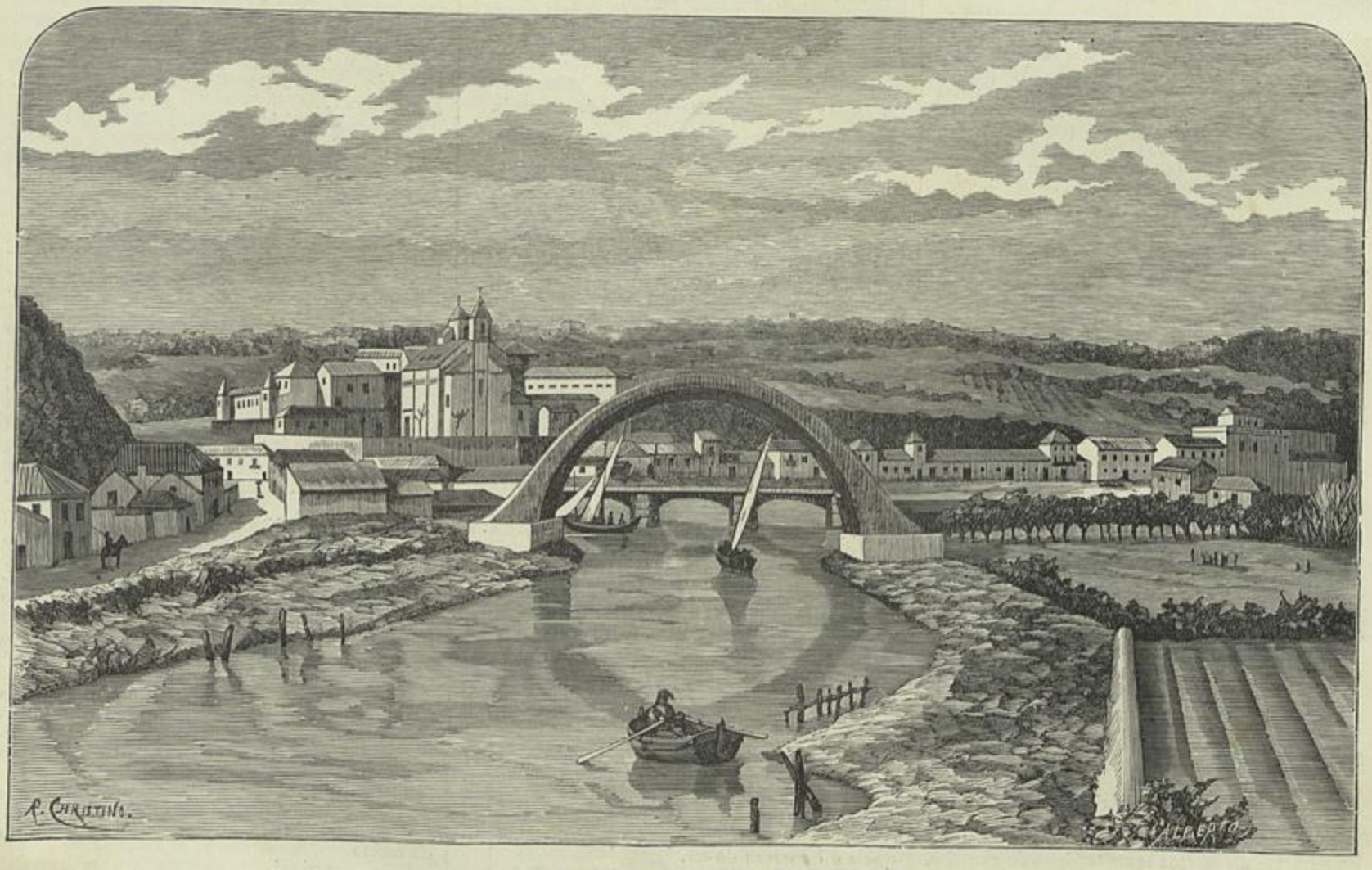
Ponte metallica do Zezere com 51m,30 de extensão e composta de um tramo de 11m,30, dando-lhe accesso duas avenidas ambas de 20 metros. A sua altura maxima é de 12m,30, tendo-se empregado 359m,400 de cantaria nas fundações, que se acham á profundidade de 3m,60, e 1790m.966 em elevação o que prefaz um total de 2:189m,366. A profundidade maxima das fundações decompõe-se do modo seguinte: beton 1m,45; alvenaria de fiada em fundações 2m,15. A ponte é obliqua, sendo a obliquidade de 38º4 e para a sua construcção houve esgotos, sendo necessario fazer ensecadeiras. No volume em elevação entram 358m3,3 de enchimento de pedra secca. A construcção d'esta ponte importou em 15:984$992 réis.

Tunnel do Loureiro, de 403m,37 de extensão, dos quaes são revestidos 176m,67 e sem revestimento, 226m,70. Para a construcção d'este tunnel, abriu-se um poço de 8m1,75 de profundidade e uma galeria normal ao eixo da extensão de 57m,50.

Tunnel da Passada da Murta, de 33m,70, todo revestido. Ambos estes tunneis custaram 66:861$667 réis.

Entre os tunneis da Riboura e do Loureiro ficam a ponte de pedra do Teixeira, e o fontão do Penedo da Viola, tambem de pedra.

Este ultimo é formado de um só arco de 4 metros de abertura, e tem de altura 9 metros e de ex-



Ponte do Alviella, em Sacavem

VIADUCTO DO LARANJAL, NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO

tensão 22 metros. Para a sua construcção houve esgotos, tendo além d'isso sido necessario abrir os caboucos por tres vezes por causa das cheias. Empregaram-se n'esta construcção 1:109^{m},560 de alvenaria, sendo 549^{m},690 em fundações, que teem a profundidade de 4^{m},30 e 559^{m},870 em elevação. O seu custo foi de 6:881$940.

A ponte da Teixeira tem 63,18 de cumprimento e é formada por um só arco de 12 metros de abertura. A sua altura maxima fica a 18^{m},10 e as fundações acham-se a 3 metros, tendo entrado n'ellas 155^{m3},952 para fundações dos quartos de cone, que foram argamassados. O volume de alvenaria empregado nos alicerces foi de 741^{m},952 e em elevação 4:990^{m},136, entrando n'ella 998^{m3},16 de pedra secca dos quartos de cone. O total das alvenarias foi de 5:732^{m},088. O volume das escavações foi de 885^{m},391, a que houve a acrescentar o do assoriamento durante a construcção, causado pelas cheias Esta ponte importou em 28:748$416 réis.

Os tunneis do Loureiro e da Passada da Murta são abertos em grandes fragas tão alcantiladas e escorregadias que se tornam quasi inacessiveis.

Logo adiante fica a estação de Barqueiras, de 3.ª classe, á esquerda, a primeira que se acha situada no districto de Villa Real e na provincia de Traz-os-Montes.

Dá ella accesso a diversas villas e povoações tanto em uma como na outra margem, taes como Mezão Frio, Rede, Villa Marim, Cidadella, Barrô, Villar, Penajoia, e S. Martinho de Mouros.

Passado o apeadeiro da Rede, encontra-se a importante ponte viaducto da Sermenha.

Tem ella 250 metros de extensão e é formada por dous tramos de 50 metros, dous de 40 e dois de 20. A sua altura maxima ao nivel dos rails é de 28^{m},70 e as fundações acham-se á profundidade de 18 metros A estructura metallica assenta sobre pilares de pedra, da qual se empregaram 5:600 metros, sendo 1:800 em alicerces e 3:800 em elevação. Os vãos de 20 metros são verdadeiras passagens inferiores para a estrada de Ponte do Lima ao Pezo da Regoa. As avenidas que dão accesso a esta ponte são uma de 7^{m},50 e outra de 8^{m},50. A parte metallica foi fornecida pela casa Cail & C.ª, custando toda a obra 92:105$402.

Chega-se em seguida á estação de Molledo, de 3.ª classe, situada á esquerda, e fronteira ao concelho de Lamego, que fica na margem esquerda.

As Caldas de Molledo, assim denominadas por estarem situadas defronte d'esta povoação, são muito frequentadas principalmente depois que por alli passa o caminho de ferro.

Teem 11 nascentes, das quaes 5 no leito do rio, que só estão descobertas durante a estiagem, 4 denominadas da Lameira e 3 á direita da antiga estrada do Porto á Regoa

As que brotam no alveu do rio são as mais quentes, e antes de se construirem as casas de banhos que alli existem, estes tomavam-se em covas feitas na areia, cobertas de ramos de arvores.

As temperaturas variam entre 39.º até 42 centigrados.

A propriedade d'estas thermas pertence á sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, que alli possue um bello palacete.

Adiante da estação de Molledo acha-se o tunnel do Santinho de 90 metros de comprimento, todo revestido, sendo na extensão de 40 metros de abobada invertida. A sua construcção importou em 26:364$772 réis.

Segue-se-lhe a ponte metallica de Jogueiros, de 46 metros de comprimento e composta de um tramo de 20 metros. A sua altura maxima é de 17 metros, e os pilares de pedra assentam em alicerces de estacaria e beton. As alvenarias empregadas n'esta obra foram 4:300 metros, dos quaes, 2:300 em elevação e 2:000 em fundações, que teem a profundidade de 4 metros. A ponte, cujo custo foi de 37:759$564 réis tem avenidas de 13 metros.

Finalmente depara-se-nos o tunnel da Regoa, cuja perfuração foi muito arriscada, por passar por baixo de uma parte da povação, tocando a escavação nos alicerces de algumas casas. Este tunnel tem 330 metros de comprimento e é todo revestido. Importou a sua construcção em 88:694$429 réis.

A sahida d'elle apparece a estação da Regoa, de 1.ª classe, situada á direita, com *remises* para carruagens e machinas, reservatorio, deposito para carvão, etc.

Outr'ora havia n'esta estação um restaurante soffrivelmente montado, mas hoje acha-se reduzido a proporções tão humildes de aceio e serviço, que nós aconselhamos a quem tiver de prolongar a viagem, a munir-se de farnel.

(Continúa) *Manuel M. Rodrigues.*

AS NOSSAS GRAVURAS

PONTE DO ALVIELLA

A nossa gravura representa a ponte do rio Alviella proximo de Santarem. Quando se concluiram os trabalhos do encanamento das aguas do Alviella, por conta da Companhia das Aguas de Lisboa, o *Occidente* occupou-se largamente d'esses importantissimos trabalhos, que representaram um grande melhoramento para a nossa cidade, em artigos successivos, acompanhados de numerosas gravuras. Para não nos estarmos hoje a repetir, reenviamos os leitores a esses artigos, que começam no n.º 68 do 3.º volume do *Occidente* relativo a 15 de outubro de 1880 e seguem nos numeros immediatos.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

(Continuado do n.º 188)

Quanto ao negocio das pazes, que era aquillo em que mais se empenhava D. Antonia, disse-lhe que era mister alguns objectos que tivessem tocado o corpo, ou pertencessem aos individuos que se queriam congraçar.

Voltaram as tres viajantes a Lisboa a 14 de agosto e D. Antonia cahiu doente, mas, logo que se achou um tanto restabelecida, foi ao convento de Sant'Anna dar parte ás duas religiosas, do que era passado. Ficaram estas um tanto animadas e pediram-lhe para ir a Odivellas, com sua recommendação, entender-se com as outras duas irmãs. Estas acolheram-na, como se deve suppôr, ensinaram-lhe até a fazer uma resa e um fervedoiro de muito poder, dizendo-lhe que o tinham experimentado muitas vezes, por exemplo, quando el-rei estava com D. Paula e queriam que elle se fosse, o que promptamente elle executava, outras vezes quando elle não vinha e queriam que elle viesse, o que tambem logo succedia.

Quanto ao mais ficaram de lhe alcançar o que ella pedia.

D. Antonia contou tudo á sua amiga D. Maria Thereza, e esta tendo ido nos primeiros dias de setembro para a sua quinta do Samouco, a um quarto de legua de Aldeia Gallega, ahi recebeu a visita do juiz Jeronymo de Cetem, a quem contou os motivos por que havia feito aquella viagem a Alcacer.

Por essa occasião receberam carta da mulher das Moutas, dizendo-lhe que a de Santarem já era fallecida, mas que quando quizessem apparecessem para se resolverem os negocios, que iam bem figurados.

D. Antonia foi frequentes vezes a Sant'Anna e parece que outra vez a Odivellas, onde as duas irmãs lhe entregaram uns ossos de gallinha ou de perdiz, que havia sido servida a el-rei na cella de D. Paula, um pouco de excremento d'esta, e um canudo de cabellos de D. Marianna. Com estas preciosidades partiu de novo para Alcacer acompanhada de uma entiada e do seu compadre Damião Alvares.

A velha Isabel da Natividade não ficou satisfeita quando ouviu falar em el-rei, e talvez se arrependesse então de haver dado algumas esperanças a D. Antonia, e foi-se eximindo a praticar qualquer coisa com os objectos que lhe eram apresentados, embora se dissesse e protestasse que não havia intenção de fazer mal a el-rei, antes ao contrario estabelecer concordia e reconciliação.

Em quanto isto se passava em Alcacer do Sal, chegava o Juiz Jeronymo de Cetem a Almada, onde se achava o Corregedor de Setubal, e ouvindo dizer ao meirinho da Correição que havia visto D. Antonia n'esta villa, hoje cidade, no dia 20, e que ia em direcção a Alcacer, communicou o que sabia ao Corregedor, e obtendo licença para vir a Lisboa, onde estava prohibido de se apresentar, participou a 23 o caso ás auctoridades competentes e ao Santo Officio.

Immediatamente se incumbiram as diligencias necessarias ao Desembargador Bacalhau, que com a sua actividade e energia habituaes se dirigiu a Alcacer e no dia 26 participava ao Santo Officio ter já todas as referidas pessoas prezas, que por aviso da Inquisição de 27 foi remettendo separadas, não para os carceres ordinarios, não devendo entrar pelo pateo, mas para a Custodia d'ella, devendo entrar pela porta das escolas.

Mas, dirá o leitor, em todo este negocio dos pretendidos feitiços a el-rei, nada se vê que tenha relação directa com o padre Bartholomeu Lourenço: é verdade, nada se vê, mas presente-se.

Nós só possuimos, seja permittida a phrase, a parte civil do assumpto, mas não conhecemos da parta ecclesiastica. Isto é, depois de algum trabalho, podémos descobrir os processos feitos a todas as pessoas civis que intervieram n'este assumpto, mas nada encontrámos com relação ás pessoas ecclesiasticas. Mas sabido que todo este conluio tinha sido urdido pelas quatro freiras, é muito natural e quasi certo que apenas Jeronymo de Cetem participou o caso ao Cardeal da Cunha, inquisidor geral, este mandasse logo algum ecclesiastico ao convento de Sant'Anna, inquirir as religiosas e provavelmente a Odivellas.

Deve tambem o leitor estar lembrado que a freira de Sant'Anna D. Paula, pedia a D. Antonia lhe alcançasse meio *de estar com um religioso quando quizesse sem que ninguem os podesse ver;* quem é o religioso, não se sabe, mas soube-o a inquisição; por onde? é o que não consta dos processos, mas é logico e forçoso acreditar que o fosse pelas averiguações secretas a que se procedeu no convento, averiguações que pelos motivos que são obvios, talvez nem se escrevessem.

O facto é que não se tendo nomeado em parte alguma dos diversos processos o padre Bartholomeu Lourenço, a D. Antonia Maria da Fonseca fizeram-se as seguintes instrucções:

Se sabia que as ditas religiosas de Sant'Anna fallassem em mais alguma pessoa além das que ella declarára, para o fim de se obterem as referidas pazes, ao que ella respondeu que a freira D. Antonia, que era a mais empenhada n'isto, lhe dissera que tinha fallado a outras pessoas, lembrando-se apenas de uma mulher chamada Nataria.

Perguntada se sabia que ao convento de Sant'Anna ou de Odivellas fosse *o padre Bartholomeu Lourenço,* a quem chamam o *Voador?* respondeu que não sabia se o tal padre ia a algum d'esses conventos, porque nunca as religiosas lhe falaram n'elle, e que bem poderia ella tel-o visto lá, em alguma occasião em que lá estivesse, sem saber quem era, porque o não conhecia; mas que assim como as religiosas lhe fallaram em outras pessoas, podia muito bem ser que lhe fallassem n'elle, se com elle tivessem algum trato.

(Continúa) *Brito Rebello.*

A CHAVENA DA CHINA

Bébé recuára assustada. A avósinha nem podia falar de commoção. Foi o caso de entrarem a reparar que os olhitos dos chinas rolavam vivos dentro das orbitas, as boccas mechiam n'um zumbido jocundo de abelhas, os pésitos caminhavam lestos sobre as relvas da vereda, emquanto as pequeninas mãos iam apontando os aspectos mais pittorescos da paizagem que se via esmaltada no bojo da taça.

De vez emquando, dois ou tres mandarins deixavam-se ficar atraz do cortejo, e discutiam com força de gestos e *tching* e *tchong* no fim das palavras. Alguns mandarins subiam mesmo a pequenas colinas, virados contra o nascente, co'as mãos em reverbero sobre os olhos, a modo orientando-se no caminho. E a procissão de galhofeiros, vá de farandolar á volta da procelana!

A meio do assombro geral, o velho metteu outra vez a taça no estojosinho de xarão, e confessou gravemente que das suas passadas riquezas, só podera conservar aquella chavena, que um dos seus avós trouxera da China, no galeão *S. Paulo,* a primeira vez que os portuguezes tinham aproado áquelle fabuloso paiz, antes de qualquer outro europeu alli ter dado fundo, em suas aventurosas viagens.

—A ceramica, proseguio elle animadamente, era na China uma especie de grande monopolio das altas classes. Os imperadores e os grandes, faziam manufacturas por sua conta, no recondito dos seus dominios, isemptos de contagio extrangeiro, jarrões e chimeras de uma belleza barbara, por isso mesmo cheio de caracter e pittoresco, e de uma perfeição que se vê, mas se não descreve.

Os artistas que eram uns feiticeiros concebidos no ventre dos deuses, arcavam com estes na obra de crearem a um simples gesto, toda a copia de prodigios. Cães de Chorea, simplesmente amassados com grosseiro kaolino, desandavam a ladrar, a mecher a cauda, e seguir os mandarins ao longo

dos rios chinezes, amarellos e azues. De uma vez o imperador morreu sem successores. Convocaram-se os grandes mandarins a concelho, que decidiram fazer um imperador de procelana, por subscripção publica; e cozido no forno á vista dos bonzos, o boneco sahiu o maior imperador chinez que tem havido. Assim como entre nós ha o espirito do bem e do mal, assim na China por aquella epoca, cada coisa tinha o seu espirito proprio, inconfundivel, e com jurisdição exclusiva n'um grupo uniforme de phenomenos. Certo espirito presidia á confecção e viver das sedas, outro curava dos leques, outro ainda superintendia nos destinos da procelana, amphoras, jarras, estatuas, chimeras e covilhetes. Estes espiritos emanados da mesma celeste essencia, tinham sido allumiados para não deixarem morrer as industrias e artes do imperio, tão perfeitas e florentes ha dois mil annos. E o da procelana velava as peças de valor inestimavel, sem jámais dormir, longe ou perto ellas estivessem, pois era elastico, e se repartia como um fluido vital pelos differentes bocados de ceramica transviados n'esse mundo de Christo.—Porque hão-de crer-me, recapitulou o velho professor á guiza de conceituosa sentença, o que hoje mata as industrias é não haver espirito de casta que presida á sua conservação e progredir.

Ha cerca de dois mil annos, na China, um artista teimando em dar a nota mais pathetica da ceramica, fez esta taça. Residem os grandes da terra em palacios magestosos, para se imporem ao culto dos pequenos; assim o espirito da procelana revendo esta chavena divina, a escolheu para seu quartel general — e aqui reside, e d'ella transborda na vivacidade de gestos que admirastes por estas figuritas. A permanencia do espirito na taça fal-a immortal como elle, e concede immortalidade a quem possuir o cofresinho que a encerra. Quando ha quinhentos annos, o meu antepassado regressava da China cortando o oceano indico no velho galeão, sobreveio um grosso mar que o fez em pedaços contra os recifes de um ilheu.

Quatrocentos eram, elle sómente escapou á morte, que ao largar o pedaço d'amura a que na derrocada deitára mão, cuidou ver os cachopos feitos nas cabeças dos mandarins da chicara, cabeças que riam com um ar surprezo, dizendo *tching-tchong!* nas suas vozitas de escarneo, emquanto caudas de salamandra lhe sahiam das boccas, em caretas de surriada. Já o pobre começava a perder forças, quando um grande cão de cabeça negra e corpo branco, olhos obliquos de china, focinho energico e orelha farta, rompeu das ondas, agarrando-o polo fato, e indo depôl-o na areia salvo de todo o perigo. E aqui o velho ajuntou sorrindo: — Ia dizer que o naufrago tinha o meu cofresinho no cinturão!

Só d'elle me posso apartar por vontade minha, confiando-o a alguem que o estime. De outro modo volta ás minhas mãos, esteja eu onde estiver e seja a que hora fôr. Estou velho, sem filhos, nem herdeiros. Se ainda tivesse dentes gostaria de viver por mais tempo. Assim... dou-te a minha taça chineza, bebé. Guarda-a bem. E com as palpebras tocadas de lagrimas, o velho extendeu o xarão á pequenita, que correu a deitar-lhe os braços ao pescoço, emquanto enternecida da historieta, comprehendendo-lhe o intuito, a avósinha sorria. Mas n'um instante houve ruido de passos, roçagar de vestidos, risos e vozes falando ao mesmo tempo. Era o jantar.

Pelo declinar da tarde, foi-se tomar café para o terrasso, sobre o rio, de um bello verde marinho e calmo. Era verão, no ar transparente havia brancas palpitações de gaivotas, alguma vela corria ao largo, e as montanhas envoltas em translucidos vapores, deixavam-se adormecer com as legendas de sereias e naus que as ondas do Tejo iam dizendo ao passar: Então bébé deixou-se avassallar de um capricho, e obrigou o professor a tomar café pela tacinha chineza. A historia tinha já corrido entre os convidados, e todos queriam vêr o maravilhoso trabalho da procelana. Encontraram uma velha chicara de pinturas fanadas, inteiramente vulgar como raridade; e muitos riram por compaixão.—Está maluco, o pobre homem! Uma chicara como outra qualquer!...

Entanto a palestra fragmentava-se n'uma grande familiaridade. Os homens tinham ido fumar para o extremo do terrado. Por baixo de um vellario vermelho, brancas espaduas sahiam dos corpetes justos; enroscavam-se á volta das *causeuses*, junto das balaustradas, por traz do piano, opulentas caudas cheias de myosotis e malmequeres. O velho ficára de pé á beira da varanda, n'um grupo de tres ou quatro velhas senhoras; e vagarosamente servia o café pela taça chineza, onde a avósinha tinha vasado um dedal de cognac. Como as creanças, que não tendo passado, fazem esforços para se darem um, sonhando sonhos que de ordinario se passam no ceu, em correrias de cherubins, — os velhos, não tendo mais futuro, se esforçam por desdobrar a vida, resuscitando em pensamento a mocidade, á proporção que á roda d'elles desfolham as rozas da saude, as calenturas dos affectos intimos, canções de nupcias, magnificencias da belleza, todas as nobres forças que enthronisam o homem na realeza da creação.

Este grupo de velhos entrou a recordar os vinte annos, por conseguinte era vêr como os olhares se animavam! Uma das senhoras tinha conhecido o organista na abundancia, e descrevia-o ás outras — Oh, não imaginam, perfeito rapaz! E que voz! Bebé já não fazia senão pedir-lhe que cantasse. Elle ria, todo embevecido n'aquellas memorias ridentes. E os pedidos crescendo — Cante, cante... Então elle aproximou-se mais da balaustrada, ergueu a sua voz tremula de velho.

Houve outr'ora um rei de Thule
A quem em doce legado,
Deixou á amante, ao morrer,
Um copo de oiro lavrado.

O rio escurecia já n'um tom plumbeo de noite. E elle aquecido do acolhimento que lhe faziam, o braço hirto sobre a agua, olhos ternos de cognac, ao deitar o ultimo verso.

... e a taça foi navegando
Por sobre as aguas do mar!

sem querer, deitou a chavena ás ondas.

Veloz como o relampago, sem um latido, o cão precipitara-se d'um salto, aquelle enorme cão de cabeça negra, olhos de china, focinho energico e orelha farta, que quinhentos annos antes deitara o naufrago sobre o ilheu do oceano indico. Ouviram-n'o cahir como uma torre, áquella altura, sobre as aguas sussurrantes.

As velhas damas tinham-se debruçado na balaustrada para vêr. Parecia desenterrado, com susto, o organista! Mas aquillo durou pouco. O cão revoluteou por instantes na profundeza tragica, veio respirar á superficie umas poucas de vezes, até que appareceu trazendo a taça, onde nos gestos das figurinhas, transbordava de novo o espirito salvo da procelana. Quanto á avósinha, diz ter visto em circuito, á flôr das ondas, romperem as cabeças dos mandarins, n'uma patuscada de rabichos, caretas, e *tching-tching!* Por seu lado bébé que nada viu, inda agora não pode crer na historieta. — Sorri, mas sem negar. Tem medo, a doce pequenina, de destruir com alguma fria palavra, aquella phantasia poetica do velho professor.

Fialho d'Almeida.

RESENHA NOTICIOSA

Syndicato de jornalistas. No dia 10 do corrente celebrou-se em Paris um banquete da imprensa republicana departamental. Presidiu o sr. Leão Brière, director do *Journal de Rouen;* achando-se entre os convidados os srs. Jourde, presidente do syndicato da imprensa parisiense; Lockroy, presidente da associação syndical dos jornalistas republicanos; Hachette, presidente do circulo dos livreiros; Wilson, deputado, e Lebey, director da Agencia Havas. Brindou-se ao presidente da republica e felicitou-se a assembléa da imprensa departamental, por ter iniciado a creação de um *tribunal arbitral*, emittindo-se o desejo de que os effeitos d'esta instituição se estendessem, chegando-se assim a crear um verdadeiro conselho profissional de toda a imprensa. No dia seguinte pela manhã reuniu-se no hotel do Louvre o syndicato da imprensa departamental, que elegeu o seu conselho director, e entrou no estudo das questões adoptadas pela assembléa geral. O tribunal arbitral é encarregado de regular as questões entre redactores e directores de periodicos, e estatuir sobre todas as difficuldades relativas á imprensa, cuja solução lhe fosse submettida pelas duas partes. Em seguida os srs. Leão Brière, presidente, Lallemand, Lassineur, G. Simon, Dubar e Réal, membros do conselho e relatores do syndicato, com os srs. Lockroy e Lebey, foram visitar o presidente da republica, que os reteve logo para o almoço.

A questão do Congo. O *Diritto*, importante jornal de Roma, inseria na sua folha de 8 de março uma carta do sr. B. Wolowski, distincto polaco, cujas sympathias por Portugal são bem conhecidas, e na qual, fazendo-se uma apreciação justa dos sentimentos dos portuguezes pelos italianos, da mesma origem e raça, se expendem idéas claras e sensatas com relação aos direitos incontestaveis de Portugal aos territorios africanos. O correspondente proclama uma grande verdade, affirmando que quasi tudo o que se diz na imprensa estrangeira a respeito de Portugal é errado, e accentua quanto este paiz tem feito pela causa da civilisação. Faz a devida justiça á liberdade que gosamos, ao progresso, embora lento, devido á influencia do clima, mas que cada dia se nota no paiz, sendo os estrangeiros, que o visitam de quando em quando, quem está mais no caso de observar o seu desenvolvimento. Debate depois a questão do Congo, ainda que já hoje prejudicada pelo tratado concluido, mostrando os direitos de Portugal, já reconhecidos por tratados anteriores, a conveniencia de ser esta nação quem domine n'aquellas paragens, e quanto era insensata a idéa de querer applicar ao Congo os principios que se applicaram ao Danubio. Folgamos quando os estrangeiros fazem justiça ao paiz. Depois d'isso, na *Correspondence republicaire*, publicada sob os auspicios da esquerda republicana do *Senado e Camara dos Deputados* francezes de 11 do corrente, fala-se do tratado concluido, mostra-se a conveniencia referida na correspondencia supra, rebatem-se as asserções a tal respeito espalhadas por alguns jornaes inglezes, e na do dia 12, reforçando a mesma opinião, apresenta a que já hoje prevalece na Hollanda a esse respeito, segundo uma correspondencia inserta na *Independence belge*, cujos periodos principaes transcreve. Nós não achamos que o tratado seja o melhor dos tratados possiveis, mas naturalmente é o melhor que se poude negociar; o que achamos curioso é a declaração do Conde de Granville de que *não está convencido dos d reitos de Portugal.* Pois se os inglezes não estão convencidos dos direitos de Portugal aos territorios que descobriu, povoou, onde exerceu e exerce ainda, mais on menos, os poderes militares, administrativos e judiciaes e onde commerceia ha quatrocentos annos, com que direito nos disputa a Inglaterra a nossa posse e em que fundamentos historicos se estriba? Os finglezes, para sua conveniencia, nem se importam passar por ignorantes, porque lá por ingenuos ninguem os tem.

O general Gordon e a escravatura. Toda a gente sabe que a Inglaterra tem sido *incansavel* contra o trafico da escravatura, mas quando já em Portugal havia leis que o reprimiam, ainda na Inglaterra se não seguiam taes principios. Contamnos que de vez em quando os vapores inglezes levam presentes de *escravas* ao sultão de Zanzibar, naturalmente almas caridosas que se offerecem para irem desenfastiar o sultão; agora o general Gordon, *cujos sentimentos contra a escravatura são assaz conhecidos*, e que estava para ir administrar as missões do Congo, onde Stanley está estabelecendo o *principio civilisador da força*, o general Gordon, enviado ao Egypto para regular os negocios do Sudan, a primeira coisa que fez foi proclamar a *liberdade do trafico dos escravos.* O periodo da sua proclamação em que tal se affirma, aqui o estampamos, para edificação dos leitores: «Desejo tornar-vos a felicidade e a tranquillidade. Sei que estaes descontentes pela prohibição do trafico dos escravos; mas isto foi prohibido apenas apparentemente, e por isso resolvi permittir-vos o referido trafico, de maneira que quem possuir domesticos, possa consideral-os como sua propriedade e vendel-os.»

Nem sequer uma palavra que salve o decoro da Inglaterra, que no tratado do Congo estatne que os navios inglezes poderão ir fiscalisar os portos portuguezes da costa oriental de Africa, quando o julgarem conveniente e os portuguezes poderão fazer a mesma diligencia, nos portos sob dominio inglez, *mas quando lhe for requisitado*

Morte de um artista. O eximio artista milanez João Ceresa, que havia algum tempo estava tolhido para a arte, pela alteração ou perca das faculdades intellectuaes, acaba de falecer em Milão, n'uma casa de saude. O sentimento entre a familia artistica é profundo.

Exposição Universal. O governador do Estado de S. Francisco da California, em uma reunião para que convidou os consules estrangeiros e os principaes influentes de S. Francisco, em janeiro ultimo, apresentou-lhes o projecto de uma exposição universal na dita cidade para 1887. Foi aprovado o projecto, e nomeada uma commissão, encarregada de promover tudo o que fizer a bem da exposição, cuja abertura se fará provavelmente coincidir com a do canal do isthmo de Panamá.

Pensões militares. A Italia tem procurado todos os meios materiaes e moraes, para elevar o seu exercito e marinha, á altura dos melhores da Europa. Armas, organisação de tudo se tem cuidado. Agora devia ser lido por estes dias na camara dos

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Ponte sobre o Teixeira, no Caminho de Ferro do Douro

deputados o relatorio do projecto de lei relativo ás pensões do exercito e marinha.

Telephonio. O capitão Lima Bucher inventou ultimamente um novo systema de telephonio portatil muito engenhoso. Consiste o aparelho, em uma roda, em torno da qual se podem enrolar os fios conductores e cujo machinismo, fecha o circuito entre os dois postos moveis. O fio tem além d'isso um systema de isolamento especial que permitte poder mergulhar-se n'agua. A vantagem d'este descobrimento e os serviços que póde prestar nos commandos dos exercitos e das esquadras, nomeadamente em occasião de combate, são incalculaveis.

Universidade de Edimburgo. Nos dias 16, 17 e 18 de abril proximo futuro deve celebrar a universidade de Edimburgo, o terceiro centenario da sua instituição. Varias academias francezas já nomearam os seus representantes para aquella solemnidade; parece que irá representar a nossa Universidade de Coimbra o sr. visconde de Villa Maior.

Anniversario de Manzoni. No dia 8 do corrente em que se contava o 99.º anniversario natalicio do grande poeta italiano Alexandre Manzoni, o circulo homonimo, da mocidade italiana resolveu commemorar aquelle acontecimento, como com effeito fez no domingo immediato, por uma sessão brilhante ás 3 horas da tarde. É natural que para o anno se celebre o centenario do eminente poeta.

Missão portugueza na China. Segundo escrevem d'alli, os indigenas ameaçavam queimar a casa da missão portugueza de Kiung-chang. O superior da missão, padre José da Costa, ia mudar a sua residencia para Hoi-Hau, junto do consul inglez, para estar ao abrigo de qualquer perseguição, e mandou retirar para o interior o padre Athanasio Tang, mas ainda não tinha chegado.

Melhoramentos de Lisboa e seu porto. Foi entregue no dia 15 do corrente ao governo o relatorio da commissão nomeada para dar o seu parecer sobre os melhoramentos do porto de Lisboa.

Quintino Sella. Falleceu no dia 14, em Roma, o notavel economista e antigo ministro da Fazenda do reino de Italia, Quintino Sella.

Castro Freire. Falleceu em Coimbra o doutor Francisco de Castro Freire, lente jubilado da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, e ex-vice reitor d'ella.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana.* N.os 23 e 24, ultimos do IV volume d'esta utilissima e importantissima publicação. Estes dois fasciculos comprehendem uma Memoria relativa á origem, familia, viagens e descendencia dos Corte-Reaes (Gaspar e Miguel) os celebres viajantes do fim do seculo XV e principio do seculo XVI, que descobriram grande parte das costas orientaes da America do Norte, e que, infelizmente pereceram victimas do seu arrojo e pertinacia. A vida d'estes celebres maritimos, de quem até muitos auctores portuguezes não falam, achava-se até agora pouco estudada e esclarecida, e ainda menos conhecidos eram os resultados das suas viagens; graças porém ás investigações praticadas pelo illustre advogado americano, o sr. Henrique Harrisse, que publicou ultimamente dois notaveis trabalhos sobre os *Cabots* e os *Corte-Reaes*, ricos de documentos ineditos ou desconhecidos, entre elles uma importante carta de 1501, a mais antiga e notavel das cartas portuguezas, e graças aos documentos extrahidos dos nossos archivos, nomeadamente do da Torre do Tombo, poude o sr. Ernesto do Canto, coordenar a sua Memoria, dando uma idéa das tentativas portuguezas, que precederam os descobrimentos de Colombo, Cabral, Cabot e Corte-Reaes no novo mundo. É necessario porém que o leitor tome reparo bem nas notas, correcções e additamentos, que aparecem para o fim da Memoria, porque sendo fundadas em documentos recebidos depois d'ella impressa alteram algumas partes d'ella. Extensos indices, de quatro especies completam o volume e orientam e guiam o leitor no labyrintho de centenas de documentos que n'elle se contem. Já por mais de uma vez temos dado o devido louvor a esta publicação emprehendida e sustentada com tanto patriotismo e perseverança pelo sr. dr. Ernesto do Canto, e fazemos votos por que tão nobre exemplo ache incitadores em outras terras do reino. São elementos importantes para a historia que aproveitam a nacionaes e a extrangeiros.

Bibliotheca do povo e das escolas, *David Corazzi, editor.* Está publicado o n.º 73 que tem por titulo: — *O codigo fundamental da nação portugueza (carta constitucional e acto addicional).* Sob este titulo, comprehende-se verdadeiramente a historia das nossas constituições, que começa nas côrtes de constituintes de 1820, que organisaram a celebre constituição, vulgarmente chamada d'esse anno, mas que é realmente de 1822, seguindo com a carta de 1826, outhorgada por D. Pedro IV; constituição de 1838, resultado da revolução de setembro de 1836, e acabando no acto addicional á carta, promulgado em 1852, depois do movimento executado em 1851 pelo marechal duque de Saldanha, conhecido na historia pelo nome de *Regeneração.* É um livrinho muito curioso, util e interessante.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira, publicada a expensas do municipio. É o fasciculo 22, e continua a serie de documentos começando em uma carta regia de 7 de março de 1467, e chegando até ao instrumento do 1.º de setembro de 1481, do auto da acclamação de D. João II, curioso e interessante documento que vem transcripto na integra.

Les Matinées espagnoles, por le Baron Slock; n.os 6 e 7 relativos a 1 e 7 de março corrente.

A Estação, *jornal illustrado para familia.* N.º 5 do XIII anno, 1 de março de 1884. Um jornal de modas, dos mais completos no genero, publicado pelo acreditado editor portuense o sr. Ernesto Chardron e que pode rivalisar com os melhores jornaes de modas extrangeiros.

A Escola, *revista quinzenal.* Directores Gonçalo Sampaio e Celestino Ramalho. Recebemos o numero programma d'esta revista que vae principiar a sua publicação em Braga. É em 8.º, cada numero consta de 16 paginas, e custa 300 réis por trimestre.

ERRATA IMPORTANTE

Em o n.º 187 d'este periodico, no estudo sobre o *Moste ro de Arouca*, pag. 54, linh. 40, col. 1.ª, onde se lê: — *365 metros* — deve lêr-se: — *35 metros.*

CHARADA

Abundantes colheitas dei outr'ora,
Da naturesa fui fertil ceara,
Mas hoje apenas sou um solo esteril,
Tornou-me assim do tempo a mão avara. — 2

Lethis não sou, sou irmão ou gemeo,
A mesma origem sua é origem minha,
A um ser ondoso, a um corpulento ser,
Sem deixar d'existir eu vou morrer. — 2

Phenomeno espantoso! a naturesa
De trevas se cobriu, a luz negava;
Como sustido o sol, só por não ver-me
Quando em mim sol mais bello s'eclipsava.

M. F. Gomes.

Explicação do enygma do n.º antecedente:
O homem de boa lei tem palavra de rei.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typographia Elzeviriana — Lisboa